

NARRATIVAS ORAIS NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ASSIS - SP: uma experimentação de história pública a partir da memória de idosos

**ORAL NARRATIVES AT THE TRAIN STATION OF ASSIS-SP: an
experimentation of public history from the elderly people memory**

Caio Márcio Fernandes de Campos⁵
Livia Moraes Garcia Lima⁶

Resumo:

A presente pesquisa de iniciação científica consiste em investigar a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária e do decorrer da linha férrea na cidade de Assis - SP, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. Esse trabalho está vinculado ao Projeto “Memória Ferroviária” (UNESP, financiamento FAPESP) coordenado pelo professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira. O recorte aqui utilizado trata-se do evento “Dias da Memória”, organizado pelo grupo de pesquisa em questão, que resultou na exposição “Memória Histórica de Assis”, trazendo à tona reflexões sobre a construção do saber histórico a partir de um diálogo entre a Academia e as comunidades, produzindo uma história pública e democrática.

Palavras-chave: História Oral; memória urbana; narrativas; envelhecimento; ferrovia.

Abstract:

This scientific initiation research aims to investigate, through narrative, the social memory of elderly individuals, former residents, and ex-employees living near the train station and along the railway in the city of Assis, São Paulo, focusing on the temporal changes that have taken place in this space. This work is part of the “Railway Memory” Project (UNESP, FAPESP funding), coordinated by Professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira. The specific focus of this study is on the event “Days of Memory,” organized by the research group, which led to the “Historical Memory of Assis” exhibition. This exhibition sparked reflections on the construction of historical knowledge through a dialogue between academia and communities, fostering a public and democratic history.

Keywords: Oral History; urban memory; narratives; aging; railroad.

⁵ Graduando em História; Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/ FCLA); membro do grupo “Memória Ferroviária”; endereço do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6436606462204135>; financiamento CNPq; e-mail: cm.campos@unesp.br.

⁶ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Membro do grupo “Memória Ferroviária”; endereço do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0770868279222613>. E-mail: livia.m.lima@unesp.br.

Introdução

A memória revela-se como ponto de culminância das narrativas, uma vez que ela fala sobre os aspectos que se escolhe lembrar e aqueles que são esquecidos e como as pessoas interpretam, afetam e são afetadas pelos relatos e vivências que escolhem lembrar. É necessário destacar a importância das relações desenvolvidas em espaços urbanos, como a ferrovia, enquanto palco e base da memória, pois são nesses espaços que a vida é vivida gerando as lembranças, que serão o fio condutor para a lapidação da memória. Sobre essa temática, destacam autores como Moreira (1989) e Mota (2013) que concordam ao afirmar que a memória ferroviária além de falar sobre a alteração da paisagem urbana, também revela como as relações sociais se organizavam, partindo da premissa que o trabalho e a convivência nesses espaços contribuíram no desenvolvimento da vida e da cosmovisão dos sujeitos que ali estavam inseridos. Outro conceito importante a se destacar para o presente projeto, é o de memória urbana que diz respeito ao estoque de lembranças materializadas na paisagem e em fontes documentais que estão alinhadas às memórias individuais e coletivas de grupos sociais que produzem a cidade (Abreu, 2012).

Um exemplo de lugar de memória urbana são as estações ferroviárias e as linhas férreas, presentes em diversas localidades do estado de São Paulo. Esses espaços foram o principal meio de locomoção de passageiros e de carga durante décadas. Por tratar-se de estruturas econômicas e de relações sociais, diversas cidades no interior do estado desenvolveram-se ao redor das ferrovias. Uma delas é Assis, localizada no Oeste Paulista. A cidade em questão possuiu, por algumas décadas, uma estação de locomotivas e uma malha férrea que se estende por dentro da área urbana do município.

Ao falar de antigos funcionários e de moradores da região da ferrovia de Assis, selecionados como sujeitos de pesquisa, estamos falando de um grupo de indivíduos que são, constantemente, negligenciados e excluídos por terem sido afetados drasticamente pelo tempo: as pessoas idosas. É possível, através das

memórias dos velhos rememorar e reviver processos importantes para o desenvolvimento urbano da cidade e delimitar como as vivências passadas moldaram o presente e formaram as identidades culturais. Bobbio (1997) enuncia que o tempo do velho é o passado e o passado é revivido na memória; revelando-se assim um tesouro que espera para ser trazido à superfície e, assim, revelar suas múltiplas reflexões sobre as pessoas, os acontecimentos e sobre os caminhos que os guiaram até aqui. Nota-se que, olhando para o exemplo da ferrovia de Assis, a memória dos velhos da região pode permitir às gerações presentes e futuras abraçarem e compreenderem de onde seus hábitos e modos de vida provém. A função do velho é lembrar e aconselhar – *memini moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir (Bosi, 1987, p. 18).

A apresentação que originou o presente texto busca apresentar o projeto de iniciação científica desenvolvido pelos autores do texto; intitulado: “Nos trilhos da memória: narrativas de idosos e a ferrovia de Assis”, consistindo em investigar a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária e do decorrer da linha férrea na cidade de Assis - SP, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. As entrevistas estão sendo realizadas a partir de uma rede de contatos estabelecida com ex-funcionários e antigos moradores da região ferroviária do município e conduzidas a partir de um roteiro previamente preparado a partir das seguintes temáticas: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos.

Além disso, pensando as possibilidades de difusão/ampliação do conhecimento histórico, o presente trabalho faz parte do projeto “Memória Ferroviária”⁷, coordenado pelo professor Dr. Eduardo Romero (UNESP – Assis), que reúne pesquisadores dedicados a tópicos da dimensão de operação ferroviária no estado de São Paulo para experimentar novas metodologias de registro (de

⁷ Vide grupo de pesquisa Memória Ferroviária. Disponível no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8406139181018644>.

cultura material ou documental), diretrizes de preservação e instrumentos de ativação sobre o patrimônio industrial, a partir de perspectivas teórico-metodológicas multi e interdisciplinares. Recentemente, o projeto promoveu o evento denominado “Dias da Memória”, onde foram entrevistados moradores idosos da cidade de Assis e o resultado foi publicizado a partir da construção da exposição “Memória Histórica de Assis” na antiga estação ferroviária do município, onde atualmente funciona a Secretaria de Cultura. A exposição traz a possibilidade de pensarmos a produção da História Oral sob a perspectiva da história pública, colocando esses sujeitos idosos como participantes e protagonistas da história local, visando avançar na discussão sobre envelhecimento populacional e sua relação com a preservação da memória, o uso da metodologia da história oral e da escuta sensível e seus contributos em espaços ferroviários e, por fim, a relação entre história oral e a diversidade de públicos da história, construindo assim, uma ponte de comunicação com a recepção social do trabalho acadêmico.

Um projeto feito à muitas mãos

Como já exposto, o recorte utilizado no presente artigo será tanto o projeto de iniciação científica dos autores desse texto quanto o evento “Dias da Memória” e, por consequência, a exposição “Memória Histórica de Assis”. Sobre esse último, por tratar-se de trabalhos coletivos, tornar-se válido expor os diversos sujeitos envolvidos na construção das entrevistas e da exposição.

Além do projeto de iniciação científica já citado, outros discentes (nesse caso sob orientação do professor Dr. Eduardo Romero de Oliveira) também contribuíram com as pesquisas que compõem o projeto Memória Ferroviária e que também trabalham com questões relacionadas ao patrimônio ferroviário do interior paulista, utilizando da História Oral como metodologia de construção de conhecimento e diálogo entre diferentes agentes. Além desses pesquisadores, todo o grupo de pesquisa mobilizou-se e trabalhou para a realização do evento e

exposição, desde questões burocráticas até a elaboração da arte utilizada nos painéis da exposição. Essas atividades também contaram com o apoio de discentes do primeiro ano História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), que naquele período eram discentes do professor Eduardo na disciplina “Introdução aos estudos históricos”, portanto, eles foram os responsáveis pelas transcrições das entrevistas e organização das biografias e apresentação dos entrevistados. Por fim, contamos também com a presença do grupo “Memória para todos” da Universidade Nova de Lisboa, através da vinda da professora Dra. Maria Fernanda Rollo e da doutoranda Inês José.

O evento “Dias da Memória” ocorreu entre os dias 19 à 22 de março de 2024, na antiga estação ferroviária de Assis-SP (que comporta atualmente a secretaria municipal do município). Nesse evento foram realizadas 12 entrevistas com moradores da cidade de Assis-SP, sobretudo idosos, com o intuito de coletar memórias narradas desses sujeitos sobre a cidade e não somente, mas também sobre suas próprias experiências e vivências nesse espaço ao longo dos anos. O quadro de entrevistados foi heterogêneo no que tange profissões e classes sociais. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, sendo transcritas e organizadas posteriormente. Com o material coletado, foi organizado a exposição “Memória Histórica de Assis”, contando com 21 painéis que registraram um panorama histórico do município, passando por questões relacionadas à ferrovia e às atividades culturais da cidade, finalizando com os relatos de alguns entrevistados, nesse caso, aqueles ligados às atividades de cultura em Assis- SP.

Nos trilhos da memória: narrativas de idosos e a ferrovia de Assis-SP

Assim como foi descrito, diversos projetos de iniciação científica se envolveram nesse evento e nos seus desdobramentos, por isso, no presente texto trataremos a perspectiva da pesquisa que vem sendo elaborada pelos autores dessa apresentação, uma vez que, as entrevistas realizadas nos dias da memória foram realizadas com a população idosa de Assis-SP e, o projeto que vem sido

desenvolvido objetiva-se em investigar, a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária de Assis, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. Seus objetivos específicos ligam-se em coletar oralidades de pessoas idosas nas redondezas da estação ferroviária do município, a partir da abordagem de temas como: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos; constituir documentação baseada em história oral, composta por um mínimo de cinco entrevistas e analisar os depoimentos orais a partir dos fundamentos teóricos gerais inicialmente estudados.

O primeiro pilar desse projeto é o conceito de memória urbana que se caracteriza por ser o acúmulo das lembranças dos sujeitos envolvidos na produção da cidade (lembranças essas que podem ser coletivas ou individuais). Sobre isso, Fernandes, Barros, Lima (2022), ao falarem das cidades como palco de narrativas e reflexões, afirmam que essas localidades, cada vez mais, são espaços de desenvolvimento de atividades e trabalhos que moldam a identidade e transformam os ideais dos sujeitos envolvidos nesses espaços. Para as autoras, “narrar a cidade”, é apostar em determinadas histórias, memórias, sentidos e sujeitos. Isso possibilita a ampliação de vozes e preservação de vivências de indivíduos que fazem acontecer os processos sociais, ideológicos, comerciais, religiosos e econômicos dessas localidades. Nora (1993) afirma que os lugares de memória se destacam por fundamentarem-se em ser marcas de reconhecimento e pertencimento de grupos numa sociedade na qual somente procura reconhecer indivíduos semelhantes e idênticos. Portanto, tais locais são a materialização do fluxo da consciência que foi apreendido pelos indivíduos a fim de preservarem em si as lembranças dos processos que dirigiram suas vidas até aqui. “Os lugares de memória constituem um fato de estabilidade capazes de referendar o que é familiar, conferindo um sentido de pertencimento e completude. Isto é, a

memória é a base para a construção de identidade do indivíduo, dos grupos sociais e da nação” (Senra, 2020, p. 2).

Outro conceito importante é o de envelhecimento que segundo Domingues (2014), generalizações sobre o envelhecimento trazem um comprometimento impar para o conhecimento das diversas experiências de velhice e apaga a individualidade dos idosos, colocando-nos num lugar único e igualitários; como se o envelhecer homogeneizasse a vida. Concordando com isso, Bosi (1987), traz que a sociedade diz respeitar idosos, mas tenta excluí-los de uma posição ativa e busca colocá-los como passivos do hoje, como se seu tempo já tivesse passado. Entretanto, é na velhice que a experiência se torna plena. Além disso, o idoso passa a ser um sujeito que não está mais ausente do conjunto dos discursos produzidos, em especial nos debates sobre políticas públicas, em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo (Farah, 2000; Debert, 1999). Para Barroso (2021), o idoso precisa ser considerado um narrador, uma vez que ele é alguém que experienciou e, ainda hoje, experiencia as transformações e permanências ocorridas através do tempo nas relações entre pessoas e o mundo que as cerca. Para o autor, a memória dos velhos funciona como testemunha da história, uma vez que se revelam uma fonte inesgotável de experiências, construídas sobre contradições e rupturas que constituem o prisma da história, para assim deixar à tona os vestígios do passado. Logo, é necessário perceber que a população idosa de Assis são os grandes detentores da memória que contribui para o desenvolvimento da cultura e identidade local. Eles, mais do que ninguém, experienciaram de perto as transformações da cidade no decorrer do tempo a partir do desenvolvimento das atividades férreas.

O terceiro elemento fundamental para a pesquisa é o de ferrovia, como já destacado. O crescimento de Assis se deu pela ferrovia - tanto que a estação está localizada na principal avenida da cidade, a Rui Barbosa, repleta de comércio - uma vez que diversas atividades econômicas e de comércio eram desenvolvidas na região da estação e boa parte da população do município, até o início da

década de 1920, era formada por cidadãos rurais. A estação destacou-se como meio de compra e trocas sociais para esses sujeitos que viviam isolados de centros urbanos (Fiorin; Pereira, 2015). É possível perceber que a ferrovia constitui um elemento importante para a cidade de Assis; logo há a possibilidade de perguntar como esses espaços podem ter contribuído para a construção identitária dos sujeitos envolvidos nesses espaços. Portanto, a ferrovia em Assis e as localidades pertencentes a essas atividades constituem-se lugares de memórias importantes para os moradores das redondezas da linha férrea e para os antigos funcionários da empresa responsável pela ferrovia, uma vez que foi essa classe trabalhadora que possibilitou a realização e o funcionamento dos espaços citados. Sem eles, os lugares hoje considerados de memória) não possuiriam valor.

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo participante e descritiva e analítica quanto aos seus objetivos. Se dará a partir de levantamento bibliográfico e realização de entrevistas temáticas de história oral, gravação em áudio e transcrição, acompanhada pelo diário de campo. No tocante à metodologia central empregada na presente pesquisa, Barroso (2021, p. 15) apresenta a História Oral como uma metodologia que amplia as possibilidades da escrita científica, porque se move nas rugosidades do discurso que se refazem como imaginários nos fluxos de memória e definem identidades. Para Portelli (2016) as fontes orais são usadas como eixo de um tipo de trabalho histórico diferente dos tradicionais, nos quais ligam-se a memória, narrativa, a subjetividade e principalmente o diálogo; moldando a própria agenda do historiador.

Em relação ao uso do caderno de campo, Magnani (1997) disserta sobre sua importância afirmando que para além de uma função catártica, o caderno de campo pode ser pensado também como um dos instrumentos de pesquisa. Ao registrar, na linha dos relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, - obtidos por meio do gravador, da

máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições - não transmitem. (MAGNANI, 1997. p.10).

Estão sendo realizadas entrevistas utilizando a modalidade da entrevista temática, na qual, segundo Santhiago e Magalhães (2015), o pesquisador explora, junto ao narrador, questões orientadas por um tema, buscando informações precisas, bem localizadas e pontuais. Cada entrevista trará construções dialógicas (entrevistadores/entrevistados), privilegiando o relato de experiências individuais que tenham adquirido relevância coletiva, a partir de temas como: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos.

As entrevistas estão sendo gravadas, transcritas e arquivadas. A análise das narrativas será feita em diálogo com reflexões teóricas e conceituais sobre velhice e história ferroviária, visando avançar na discussão sobre envelhecimento populacional e sua relação com a preservação da memória, conhecer em detalhe a realidade do cotidiano dos idosos e discernir o uso da metodologia da história oral e seus contributos em espaços ferroviários.

Os resultados da pesquisa serão amplamente divulgados no seio da população pesquisada e na sociedade mais ampla, através de palestras, participação em reuniões científicas e em constantes contatos e trocas com o CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa "Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa"⁸) e o Grupo de Pesquisa "Memória Ferroviária" (cadastrado pelo CNPq⁹). O projeto ainda está em fase de desenvolvimento, portanto não apresenta conclusões.

⁸ O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (Cedap – UNESP / Campus de Assis) é uma Unidade Auxiliar criada pela Resolução Unesp 59, de 22/11/96. Sua origem, no entanto, remonta a 1973, quando foi criado, por iniciativa do Departamento de História, um espaço com o objetivo de propiciar as condições necessárias de pesquisa ao curso. Em 1996, mediante a referida Resolução Unesp, tornou-se oficialmente Unidade Auxiliar, recebendo a denominação que vigora até hoje.

⁹ Acesso ao site <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8406139181018644>.

Memória Histórica de Assis, um experimento de História Pública

O presente texto compreende a realização do evento “Dias da Memória”, já descrito e detalhado anteriormente. Também já foi exposto que o resultado desse evento foi uma exposição pública de painéis que contam a história da cidade de Assis-SP, trazendo elementos documentais, mas também priorizando relatos de sujeitos envolvidos nesse espaço.

Nessa seção, apresentaremos as imagens de alguns painéis dessa exposição a fim de elucidar o que foi descrito até então. O título desse trabalho é “Memória Histórica de Assis” e conta com 21 painéis divididos em dois temas: trabalho e cultura. Cada tema é identificado por uma cor à esquerda do painel (amarelo para cultura e azul para trabalho). Esses painéis exploram tanto acontecimentos e documentos sobre a história de Assis, quanto apresentam os entrevistados do evento. Priorizamos aqui apresentar todos os painéis que contam as histórias dos entrevistados, mas selecionamos apenas alguns daqueles que contam a história e traçam os elementos culturais da cidade, dada a limitação de espaço para escrita desse texto.

Vale ressaltar que, nomeamos esse projeto de “experimento de história pública”, pois segundo Rovai (2020), a História Pública trata-se de “um movimento reflexivo permanente para compreender, colocar em discussão e reconstruir narrativas acerca do passado - e também do presente - e ações na arena pública, estas sempre entendidas em disputa e em relações de tensão e interesse” (p. 11). Além disso, vale ressaltar a relação entre História Pública e História Oral como:

uma possibilidade de conciliação entre a comunicação pessoal, íntima, que a entrevista de história oral possibilita, e a comunicação social, facultada pelas mídias que difundem conhecimento histórico para um público mais amplo. Em outras ocasiões, a história pública energizou o reconhecimento da polifonia de vozes na geração de interpretações sobre o passado propiciada pela história oral” (Santhiago, 2018, p. 296).

O que foi desenvolvido nessa exposição foi o que a História Pública se propõe a fazer, construindo um saber histórico através das memórias (nesse caso,

narradas) de sujeitos envolvidos diretamente aos processos analisados (aqui, o de direito à cidade), promovendo uma publicidade de tais saberes em um diálogo entre a Academia e as comunidades. Essa relação de diálogo pode ser compreendida através das reflexões de Michael Frisch (2011a; 2011b; 2016), a partir de um conceito que ele denomina “autoridade compartilhada”. Esse conceito refere-se à ideia de que o processo de construção da história não deve ser controlado apenas por especialistas, como historiadores e acadêmicos, mas deve ser uma colaboração entre esses profissionais e as pessoas cujas histórias estão sendo contadas. Frisch, que desenvolveu esse conceito principalmente no contexto da história oral, argumenta que os entrevistados, comunidades e pessoas envolvidas têm uma voz e uma perspectiva valiosa, e que o trabalho de contar a história deve ser uma troca de conhecimentos e experiências. De forma simples, a autoridade compartilhada sugere que a narrativa histórica deve ser cocriada, permitindo que quem viveu a história participe ativamente do processo de sua preservação e interpretação. Essa abordagem busca democratizar o ato de narrar o passado, reconhecendo que a memória e a interpretação histórica são construídas coletivamente.



[illegible]

MUSEUS EM ASSIS

MUSEO EM ASSIS

A cidade de Assis possui importantes museus, administrados e preservados pela Secretaria Municipal de Cultura. Entre eles, podemos destacar o Museu de Arte Primitiva "José Nazareno Minessi" (MAPA) e o Museu e Arquivo Histórico de Assis (MAHA), cujo acervo se encontra em diferentes locais.

MAHA

O Museu e Arquivo Histórico de Assis (MAHA) foi instituído pela Lei Municipal 1.394 de 30 de Dezembro de 1993, é administrado pela Prefeitura Municipal de Assis, através da Secretaria de Cultura. Surgiu a partir de doação de documentos coletados pela Sociedade de Estudos da Vila do Paranapanema (SEVP), seu acervo é composto por conjuntos de documentos datados de século XI, que descrevem a expansão territorial do domínio cristão para o interior paulista.

O acervo do MAHA pode ser visto em diferentes locais da cidade, como na Casa de Taíza "José Freitas Gersen", no Espaço de Memória Localizada na Secretaria de Cultura, e no Centro Cultural "Sônia Figueira".

MAHA

O Museu de Arte Primitiva de Assis "José Nazareno Minessi" - MAHA, está localizado na Avenida Antônio Jordani, nos quadras do parque ecológico "Cabo Simão do Cuiabá" (Parque Burdalo). Este está nome por ter sido fundado através da doação de obras do colecionador de obras de arte e escritor José Nazareno Minessi. Possui cerca de 1.000 peças representadas através de diferentes linguagens artísticas, como pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e cerâmicas.

É composto por três salas, sendo duas utilizadas para exposições temporárias e uma para exposição permanente. Possui destaque por ter um dos mais importantes acervos nacionais do gênero natif.

O espaço foi construído especificamente para abrigar um museu de arte, através da Lei Federal de Incentivo à cultura, patrocinada pela antiga TELCEL - Telecomunicações de São Paulo. Seu núcleo inicial é constituído em 1983, e sua linguagem ocorre em 1993.

Seu acervo constitui-se por obras avaliadas por artistas como Milton dos Prazeres, Gláucia, Antonio Pereira, José Antônio de Silva, Cláudio de Silva, Boris Amilcar, Elza Bergami, José Vieira Medeiros, Elias Wells, José Diabalo, Beldor e o artista regional Sebastião Theodoro Fátima de Silva, conhecido popularmente como Beldinho.

MEMÓRIA DE ASSIS: PONTOS CULTURAIS

O Bock - Espaço pelo arte

Em 2004, o berrante do GRU no terreno do ponto de encontro de Assis, transformando-se na lideira casa conhecida "O Bock". Seu "Visagem pelo Arte" era marcada pela farsa "Visagem do Povo", atualizando o início das festas. Com pista de dança pisante, lousa de música e o tremeluzo, a energia contagiosa era contagiante.

Após uma reforma em 1975, o Bock se reinventou com cinco ambientes, incluindo uma espaçosa pista ao ar livre e cabine para DJs. Nas décadas seguintes, adaptou-se às novas tecnologias musicais e visuais, mantendo suas festas tradicionais e temáticas. Encerrou atividades anuais em 1998, passando a receber apenas eventos fechados até 2014. Em 2022, Lenon Carvalho revitalizou o local, investindo 2 milhões para recriar sua glória passada. Além de baladas, promete oferecer shows, stand-up e música ao vivo, com capacidade controlada para evitar conflitos.

Assis Rock Fest

Instituído por Marcelo José Celso entre 2014 e 2015, o evento "Assis Rock Fest" teve sua estreia em 2022, apoiado pela Secretaria Municipal de Cultura de Assis, após o fim do distanciamento social devido ao 2022, data do COVID-19.

Reunindo artistas locais de Assis e região, o evento cultural gratuito se tornou uma tradição anual. Com diversas bandas por edição, o evento se estende por dois dias, com sete horas de apresentações. Além da música, o espaço oferece barracas de exposição e venda de alimentos e produtos, promovendo entretenimento e incentivando a economia local.

MEMÓRIA DE ASSIS: PONTOS CULTURAIS

Revista Espacialidades [online]. 2025, v. 1, n. 1, ISSN 1984-817X

PINGO D'ÁGUA, UMA JOIA DO INTERIOR

Pingo D'Água, nascido em 1939, em São Paulo, em 13 de maio de 1939. Desde cedo demonstrou grande interesse pela música sertaneja e pelas artes, o que o levou a se dedicar aos estudos e a trabalhar como músico e ator. Em 1960, mudou-se para Assis, cidade que se tornou o centro de suas atividades profissionais e pessoais.

Foi em 1976, na cidade de Assis, que Pingo D'Água formou a dupla sertaneja 'Piracema e Pingo D'Água'. Em 1981, teve sua primeira experiência como apresentador na Rádio Difusora de Assis AM 1140 kHz. Sua carisma e capacidade de se conectar com o público logo o tornaram uma figura popular entre os ouvintes. Essa dupla marcou o início de sua jornada na música e no entretenimento, consolidando-o como um talento promissor no cenário sertanejo.

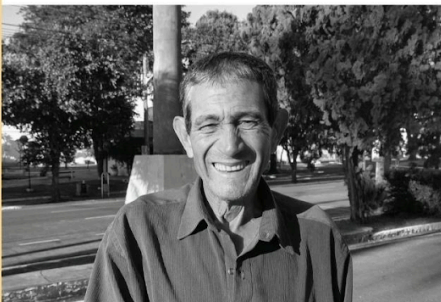
Quatro anos depois, em 1985, Pingo D'Água foi contratado pela Rádio Sociedade Triângulo Mineiro AM - 130 kHz de Uberaba, MG. Em 1986, voltou a Assis e começou a se apresentar na Rádio Cultura de Assis AM - 1300 kHz. No ano seguinte, 1987, trabalhou na Rádio Cidade AM - 830 kHz em Presidente Prudente, SP, continuando a ampliar sua presença no cenário radiofônico.

Além de suas atividades radiofônicas, Pingo D'Água sempre foi uma figura atuante na comunidade de Assis. Realizou shows em diversos bairros da cidade, levando consigo uma caravana de artistas e proporcionando entretenimento ao público local.

Nos últimos anos, Pingo D'Água foi convidado a apresentar um programa autônomo na Rádio FMNA - 103.9 MHz em Assis. Esse convite foi uma prova do reconhecimento de seu talento e popularidade, permitindo-lhe continuar a partilhar a sua paixão pela música com um público ainda mais vasto.

Entre 2020 e 2021, Pingo D'Água esteve na Rádio Comunitária Lideança FM - 107.9 MHz em Assis, continuando a deixar a sua marca no panorama radiofônico local. Além de sua carreira no rádio e na música, Pingo D'Água também se aventurou na política, concorrendo para o cargo de vereador em 2012 e 2016.

Pingo D'Água é conhecido por sua dedicação à música sertaneja e à radiodifusão, conquistando o povo de Assis com carisma e criatividade. Sua paixão pelo entretenimento e personalidade cativante o tornaram uma figura querida e respeitada. Mesmo aposentado, ele continua a inspirar outros, mostrando que a verdadeira vocação não tem idade e que o amor pelo que se faz pode deixar um legado duradouro.



IRMÃS JACÓ E O SERTANEJO RAIZ

Iracema Barbosa Dutra e Leordina Faísio Barbosa são irmãs com uma rica trajetória de vida e unidas pelo amor à música.

Nascidas em regiões diferentes, Iracema nasceu na "terra veraneia", em um sítio de Ubaldino Neto, enquanto Leordina veio ao mundo na "terra brasileira", em Cuiabá. Suas pais, o senhor de São Clara e Dócil, de modestas raízes, mas com uma educação de valores que marcou a vida de ambas.

A infância das irmãs foi marcada pela vida no sítio. A família era grande, com quinze irmãos, das quais duas chegaram à vida adulta. A vida no sítio era regada de brincadeiras e atividades ao ar livre. As crianças brincavam de segundo-cérebro, utilizando cores, para não se distraírem com as brincadeiras típicas da época. Os valores das famílias eram comuns, e a casa da família era um ponto de encontro para jogos de truco e mais.

A música sempre fez parte da vida das irmãs. Elas herdaram o talento musical do pai e de parentes próximos, como a dupla sertaneja "Cid e Jacuinho". As irmãs eram grandes fãs de música e celebravam, mantendo vivas as tradições culturais da família.

A educação formal de Iracema e Leordina foi limitada a quatro anos de ensino primário, frequentando em Ubaldino Neto. Depois de falta de infraestrutura, com a ausência de ensino, elas tiveram que estudar em uma sala em casa para facilitar os estudos. Esse período foi difícil, pois as irmãs sentiam falta da família e da vida no sítio.

Com o tempo, a família passou por várias mudanças e dificuldades. Apesar disso, Iracema e Leordina continuaram a viver próximas, mantendo a unidade e a tradição familiar. Elas se envolveram ativamente na comunidade local, participando de encontros e eventos sociais.

A música foi como um laço entre as irmãs, sempre se fez presente no dia a dia e desempenhou um papel fundamental na vida de Iracema e Leordina. As canções que cantavam preenchiam suas vidas e as ajudavam a lidar com as adversidades e obstáculos pelo caminho.

A história de Iracema Barbosa Dutra e Leordina Faísio Barbosa é um testemunho de resiliência, união e amor familiar. Suas histórias refletem as transformações e desafios de uma época, ao mesmo tempo que preservam as tradições que moldaram suas vidas.

A história de suas histórias, como testemunho de uma vida com a simplicidade da vida no campo e a riqueza das relações humanas e afetivas, criando uma verdadeira história de experiências e histórias inegáveis.



Figura 4: Entrevistados ligados à música sertaneja raiz – Pingo D'Água (painel 1) e Irmãs Jacó (painel 2)

FELINA: ATIVISMO E RESISTÊNCIA

Felina, nascida em 1939, em São Paulo, é uma artista multifacetada que se envolveu no cenário artístico de diferentes maneiras. Ela trabalhou como atriz, cantora, pianista e dançarina. Durante a ditadura militar, ela se tornou uma figura de resistência, atuando em peças de teatro e em shows que criticavam o regime.

Além de suas atividades artísticas, Felina também se envolveu em causas sociais e políticas. Ela foi uma das fundadoras do Grupo de Teatro da Universidade de São Paulo, que se tornou um espaço de resistência e de luta por direitos.

Felina se firma cada vez mais como grande expoente artístico na cidade de Assis. Conta com participações em curtas metragens, exposições e eventos, tendo sua arte reconhecida e admirada por todos os espectadores.

Através de questionamentos e provocações, continua a lutar com fervor pela visibilidade da saúde mental e pela inclusão dos pacientes do CAPS na produção de cultura.

Felina é histórica.

HELENA MACRI: FORÇA VIVA E ARTE

Helena Macri, nascida em 1939, em São Paulo, é uma artista multifacetada que se envolveu no cenário artístico de diferentes maneiras. Ela trabalhou como atriz, cantora, pianista e dançarina. Durante a ditadura militar, ela se tornou uma figura de resistência, atuando em peças de teatro e em shows que criticavam o regime.

Além de suas atividades artísticas, Helena também se envolveu em causas sociais e políticas. Ela foi uma das fundadoras do Grupo de Teatro da Universidade de São Paulo, que se tornou um espaço de resistência e de luta por direitos.

Helena construiu um legado muito significativo na cidade de Assis, sempre contribuindo com a cena cultural e transmitindo seus conhecimentos e toda sua potência para as próximas gerações.

Através de suas performances no campus da Unesp em Assis, mostra sua robustez e cria laços com o público.

Sua talento e dedicação foram evidentes em cada projeto, conquistando o coração do público. Assis, a cidade de Helena Macri é um testemunho de força. Sua história é um testemunho de que, mesmo diante das adversidades, o amor pela arte e pela família pode nos guiar para novas perspectivas de vida.




5: Entrevistadas multiartistas – Felina (painel 1) e Helena Macri (painel 2)

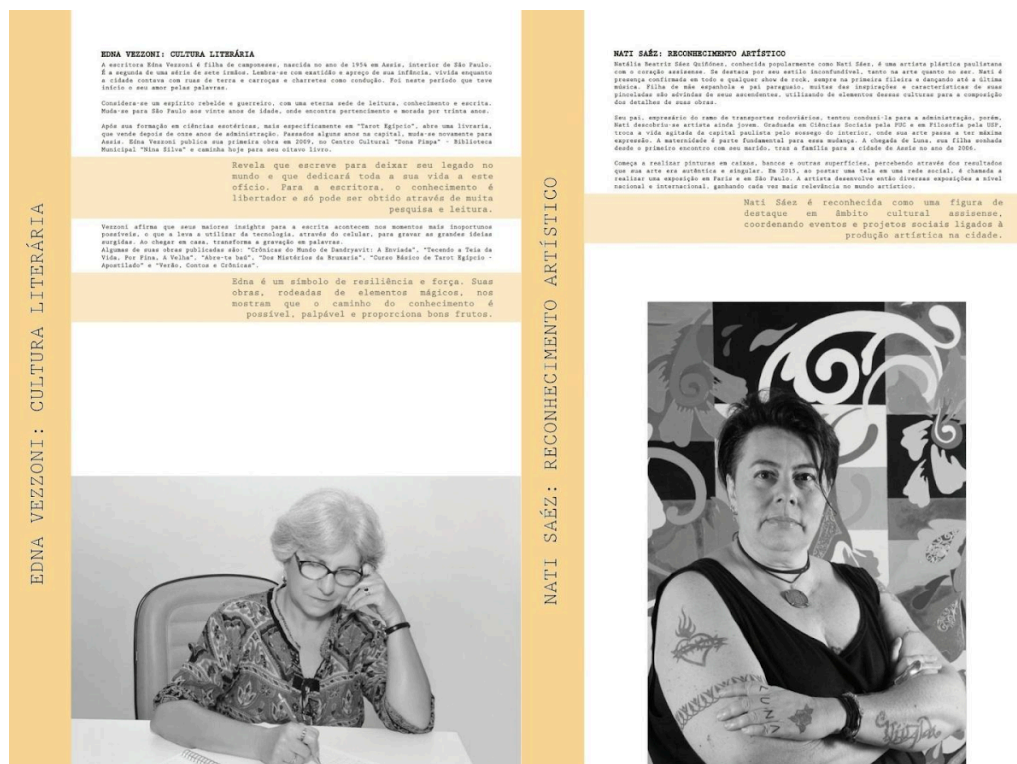


Figura 6: Entrevistadas ligadas à arte e ensino – Edna Vezzoni (painel 1) e Nati Saéz (painel 2)

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A. et. al. (Orgs). **A produção do espaço urbano**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-39.
- BARROSO, E. P. Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 9–27, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i1.1128. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2º edição. São Paulo: T. A. Queiróz, 1987.
- DEBERT, G. G. **A Reinvidicação da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP. 1999.

DOMINGUES, A. R. O Envelhecimento, a Experiência Narrativa e a História Oral: um encontro e algumas experiências. **PSICOLOGIA POLÍTICA**, São Paulo, v. 14. n.31, p. 551-568, set./dez. 2014.

FARRAH, M. Governo local, políticas públicas e novas formas de gestão pública no Brasil. **Organizações e Sociedade**. 7 (17). Abr. 2000.

FRISCH, M. "From A Shared Authority to the Digital Kitchen, and Back". In: ADAIR, B.; FILENE, B.; KOLOSKI, L. (org.) **Letting Go? Sharing Historical Authority in a User-Generated World**. Philadelphia, PA: The Pew Center for Arts & Heritage, 2011. p. 126-37.

FRISCH, M. 2016. "A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa". In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, J. R.de; SANTHIAGO, R. **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-69.

FRISCH, Michael; LAMBERT, David. "Between the Raw and the Cooked in Oral History: Notes from the Kitchen". In: RITCHIE, Don (org.). **The Oxford Handbook of Oral History**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 333-48.

FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. Entre apagamento e memória: narrar a cidade hoje. In: FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. (Org.). **Cidades: Memórias, Histórias e Narrativas**. Universidade Federal de São Paulo, 2023, p. 7-26.

FIORIN, E; PEREIRA, M. I. F. Assis: Patrimônio ao longo do Antigo Leito Férreo. **Revista Nacional de Gerenciamento das Cidades**, v. 3, n. 15, p. 106-23, 2013.

MAGNANI, J. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 01, p. 8-11, mai, 1997.

MOREIRA, M. F. S. **A organização do processo de trabalho: sua dimensão política na Estrada de Ferro Sorocabana (1920 - 1940)**. 1989. pp. 300. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 1989.

MOTA, B. M. **A ferrovia no espaço urbano de Assis/SP: da preservação do patrimônio edificado à defesa da paisagem**. 2014. p. 141. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambiental e de Tecnologia da Política, Universidade Católica de Campinas, 2013.

NORA, P. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 2003.

PORTELLI, A. História oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2016, p. 9-16.

ROVAL, M. G. de O. **História Pública: um desafio democrático aos historiadores.** In: SIQUEIRA, T. R. et. al. organizadores. Coleção História do Tempo Presente: volume 2 – Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História oral na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTHIAGO, R. **História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo.** Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

SENRA MARINHO DE LIMA, M. C. Cidade, identidade e os lugares de memória. **Revista Unimontes Científica**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 01–11, 2020.